

Diamante bruto

Arquitetos brasileiros
pegam carona no
impressionante
crescimento de Angola.

Por: Carlos Hummig Imagens: divulgação

A história de Angola é recheada de dor, sangue e destruição. A Guerra Civil, ocorrida entre 1975 e 2002, deixou 500 mil mortos e fez com que um terço da população procurasse refúgio fora ou mesmo dentro do próprio país. As Nações Unidas estimam que quatro milhões de pessoas foram afetadas de alguma maneira pelo conflito.

O petróleo e os diamantes, as maiores riquezas do país, patrocinaram o combate que durou 27 anos, mas se considerarmos também a Guerra de Independência (1962-1974), que precedeu a Guerra Civil, podemos somar outros 12 anos de sofrimento.

Em abril de 2002, foi assinado um acordo de paz entre as duas formações políticas de maior influência de lá e hoje o país comemora uma fase de crescimento impressionante. Segundo as estimativas do

Centro de Estudos e Investigação Científica da Universidade Católica de Angola, sua economia deverá crescer 9,1% neste ano e 8,8% em 2013. Nos primeiros anos após o fim dos conflitos, o país chegou a registrar um crescimento médio de 13%, um dos maiores do globo. É uma das economias que mais avança e por isso o mundo todo está de olho em Angola. “Com a crise mundial, as economias injetaram seus recursos onde a possibilidade de lucro agora é maior”, assinala o arquiteto Maurício Karam, que assina projetos por lá. “Um país que vivia em guerra até recentemente é carente de quase tudo”, ressalta. Gláucio Gonçalves, outro arquiteto que também colabora com a reconstrução de Angola, afirma que caminhar pela capital pode ser “uma experiência

01. Fachada do banco Standard que leva a assinatura de Carlos Rossi.



02. Arthur Casas é outro brasileiro atuante em Angola. Ele assina um condomínio residencial por lá.

angustiante”. “A maior dificuldade para quem circula a pé é atravessar as ruas; é inevitável pisar em poças de esgoto a céu aberto, além dos carros que estacionam sobre as calçadas, o que torna quase impossível traçar um caminho sem que se tenha que usar a rua para andar”, relata o profissional. O arquiteto Carlos Rossi, que assina os projetos das agências e o escritório do Standard Bank naquele país, observa que Angola apresenta muitos contrastes. “De um lado você vê edificações de primeiro mundo e não muito longe observa a extrema pobreza”, afiança. O cenário pode até ser feio, mas o otimismo é maior ainda, o que incentiva grandes investimentos externos. A multinacional Nestlé está construindo a primeira fábrica no país, que custará US\$ 10 milhões. “Como é um lugar que precisa praticamente ser construído do zero, esse novo mundo tornou-se o foco de exploração máxima dos países europeus. Tudo precisa ser feito. Não somente construções familiares ou edifícios corporativos, mas também o comércio, avenidas, cais, saneamento básico, hidrelétricas...”, enumera Maurício Karam. A China é um dos países que mais investe em Angola – já financiou US\$ 10 bilhões em projetos. Além do interesse econômico, Angola é o seu maior fornecedor de petróleo e a garantia dessa matéria prima é essencial para seu crescimento.

Atuação verde e amarela

Segundo Alberto Asper, presidente da Associação dos Empresários Brasileiros em Angola (Aebran), o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), injetou US\$ 3 bilhões em projetos de infraestrutura no país africano. A Eletrobras divulgou recentemente que estuda a possibilidade de construir uma usina hidrelétrica, um projeto que custará US\$ 700 milhões, pelos cálculos iniciais. Nessa corrida do ouro, o Brasil leva vantagem por ter um bom relacionamento com Angola. A China, por exemplo, não valoriza a mão de obra local: as empresas levam trabalhadores chineses para seus canteiros de obras. Já as companhias brasileiras são conhecidas por fazer exatamente o contrário: valorizam, empregam e investem em mão de obra local. A multinacional brasileira Odebrecht, maior empregadora privada de Angola – 17 mil pessoas –, conta com 93% de angolanos em seu quadro de funcionários. Os investimentos externos impulsionam o crescimento econômico e a construção civil é um dos setores que mais avança no país: condomínios e prédios surgem a todo instante. “A construção civil passa por

um momento de total crescimento e ao mesmo tempo de uma supervalorização junto ao mercado imobiliário”, afirma Gláucio Gonçalves. Os prédios e condomínios residenciais mais modernos e luxuosos estão localizados na zona Sul da capital, Luanda. O arquiteto dá um exemplo dessa supervalorização: “uma casa assobradada de aproximadamente 160 metros quadrados com três dormitórios e uma suíte, no bairro Nova Vida, pode ser vendida a US\$ 900 mil e alugada a US\$ 10 mil por mês, com pagamento antecipado de seis meses”. A boa fama que temos em Angola estimula o interesse de empresas e de profissionais brasileiros. Segundo Gláucio, os angolanos gostam muito da arquitetura brasileira porque, de certo modo, temos realidades similares, como o clima parecido, a língua portuguesa, o povo alegre; e pelo lado negativo, a desigualdade social e a corrupção. Recentemente, essa triste realidade ganhou um exemplo que uniu as duas nações: empresários brasileiros se envolveram em um escândalo por lá. Dois condomínios residenciais da empresa Build Angola, que pertence a quatro sócios brasileiros e que contou com a atuação de Pelé como garoto propaganda, simplesmente não foram entregues. Durante a confusão, foi revelado que o líder do quarteto já foi indiciado por contrabando e estelionato, pelas polícias Federal e Civil paulista. A polícia angolana abriu inquérito sobre o caso.

Sobre o lado positivo de assinar projetos em Angola, Maurício Karam afirma que “é incrível poder proporcionar novas arquiteturas e design a uma cidade com tanta coisa por se criar”. Sidney Quintela, outro arquiteto brasileiro que atua no país africano, engrossa o coro: “no caso de Angola, que sofreu muito com a guerra, é ainda mais gratificante poder participar da sua requalificação. Como toda cidade em um período de pós-guerra, Luanda passa por um crescimento importante na sua economia, e a construção civil é um dos principais fatores desse desenvolvimento”. Maurício Karam faz o contraponto entre Luanda e São Paulo, onde a ocupação é muito densa. “Nem sempre conseguimos tratar o edifício em relação ao seu entorno em São Paulo. Ele acaba sendo um indivíduo singular e assim o tratamos somente em seu interior. Em Luanda, ainda é possível tratar o edifício e seu entorno a fim de obtermos um resultado melhor para a cidade e seus ocupantes”, acredita. Gláucio Gonçalves levanta uma questão relevante: a sustentabilidade. “É importante abordar o desenvolvimento sustentável na construção civil e tornar imprescindível a utilização de aspectos mínimos para a sobrevivência, não somente para as empresas sob o ponto de vista do mercado,

03. Uma das criações de Maurício Karam no país africano é um spa contemporâneo.

03





04

como também do compromisso social e de toda a humanidade". Para ele, isto não acontece atualmente em Angola. Sidney Quintela acredita que para investir em crescimento sustentável é necessário trabalhar na construção (ou reconstrução) da infraestrutura urbana, assim como no setor imobiliário.

O profissional aproveita ainda para destacar que é preciso desenvolver a infraestrutura por meio "de projetos de grande porte que possam melhorar o sistema de transporte, facilitando o deslocamento dentro da cidade, a requalificação do espaço público com a inserção de áreas verdes e parques, sem que se esqueça do principal: um planejamento urbano viável e criativo que possibilite orientar o crescimento da cidade a longo prazo", opina.

O outro lado

O arquiteto Maurício Karam destaca que o superaquecimento pelo qual Angola passa atualmente tem um lado ruim. "Apesar da injeção de recursos e o conseqüente desenvolvimento do país, além de existirem muitos empreendimentos de boa qualidade e perspectiva urbana, ainda não há em Angola, por exemplo, órgãos que regulem as construções ou normas específicas sobre elas. Em muitos casos, ainda prevalece a lei de quem paga mais. É triste ver tanto dinheiro desperdiçado com construções que ficarão ali expostas para sempre

04. O baiano Sidney Quintela projetou este condomínio vertical em Angola.

sem nenhum questionamento ou análise de técnicos preocupados com o futuro da cidade", lamenta. Sobre as dificuldades em assinar projetos naquele país, Karam revela que a maior delas está na execução e acesso aos materiais. "Tudo é trazido de fora e as coisas só acontecem se você tiver alguém local para fazer os trâmites. Sendo assim, temos que lidar com muita burocracia e ao mesmo tempo com grandes corporações e pequenos artesãos". Carlos Rossi, por sua vez, destaca outra barreira: a distância. "Como os materiais vêm de fora, os prazos podem atrasar se houver algum problema na entrega". Para Sidney Quintela, as maiores dificuldades são "a falta de infraestrutura urbana e de serviços, nesse caso incluindo mão de obra qualificada e fornecimento de materiais e equipamentos". Contudo, todos os profissionais concordam que a língua portuguesa facilita as negociações. Atualmente, Angola é a sétima economia da África, e se continuar no mesmo ritmo com a atuação de profissionais diversos, como os arquitetos brasileiros, subirá para a quinta colocação em quatro anos. Se o Brasil foi construído com a ajuda dos africanos, hoje somos nós que colaboramos na lapidação deste diamante bruto. ●